

Transtornos de aprendizagem: o papel do educador na identificação e direcionamento de estratégias em relação a escrita e leitura

Francisca Andréia do Nascimento Silvaⁱ 

Faculdade Cecape, Juazeiro do Norte, CE, Brasil

Williamar Figueiredo de Oliveiraⁱⁱ 

Faculdade Cecape, Juazeiro do Norte, CE, Brasil

Aldeceles Marinho Alvesⁱⁱⁱ 

Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, CE, Brasil

1

Resumo

O principal desafio dos profissionais que trabalham com educação é diagnosticar as dificuldades de aprendizagem e lidar com elas. Sabemos que as pessoas aprendem de diferentes maneiras, e sua energia pode ser encaminhada para encontrar estratégias adequadas para a sua aprendizagem, ao invés de buscar formas de esconder suas dificuldades. Por isso, os pais, educadores e profissionais que trabalham com essas crianças têm uma grande responsabilidade, visto que é primordial um trabalho direcionado para suprir essas dificuldades ou ao menos amenizá-las, pois sua capacidade de observação, de detecção de problemas, saber como lidar e dar feedback e definir como e quando intervir são de extrema importância. A referida pesquisa traz como objetivo: compreender de que modo as dificuldades de escrita e leitura se apresentam no contexto educacional, bem como as possibilidades de intervenção para que esta situação seja revertida. Trata-se de um estudo bibliográfico em um vasto acervo literário junto a autores, tais como: Corso (2004), Furtado (2008), Teles (2009), dentre outros que tratam da temática em estudo. Orientar os docentes a diagnosticar essas dificuldades de aprendizagem, principalmente as relacionadas a escrita e leitura, bem como compreender qual seu papel à frente dessas problemáticas, intervindo e contribuindo para que a aprendizagem aconteça de forma significativa, é primordial para que se desenvolva um trabalho docente que ensine a todos, mas respeitando suas particularidades. Espera-se por meio da pesquisa desenvolvida possibilitar um olhar direcionado quanto as dificuldades encontradas em sala de aula na relação com o processo ensino-aprendizagem, oportunizando estratégias para o enfrentamento destas.

Palavras-chave: Aprendizagem. Dificuldades. Leitura. Escrita.

Learning disabilities: the educator's role in identifying and directing strategies in relation to writing and reading

Abstract

The main challenge for professionals working with education is to diagnose and deal with learning difficulties. We know that people learn in different ways and their energy can be routed to find appropriate strategies for their learning, rather than looking for ways to hide their difficulties. That is why parents, educators and professionals who work with these children have a

great responsibility, since it is essential to work to overcome these difficulties or at least to alleviate them, because their ability to observe, to detect problems, to know how to deal and giving feedback and defining how and when to intervene are of paramount importance. This research aims to understand how the difficulties of writing and reading are presented in the educational context, as well as the possibilities of intervention so that this situation is reversed. It is a bibliographical study in a vast literary collection with authors, such as: Corso (2004), Furtado (2008), Teles (2009), among others that deal with the theme under study, who deal with the subject under study. Instructing teachers to diagnose these learning difficulties, especially those related to writing and reading, as well as understanding their role in the front of these problems, intervening and contributing to make learning happen in a significant way is essential for the development of a teaching work that Teach everyone, but respect their particularities. It is hoped that through the research developed, it will be possible to take a direct look at the difficulties encountered in the classroom in relation to the teaching-learning process, providing strategies for coping with them.

Keywords: Learning. Difficulties. Reading. Writing.

1 Introdução

Abordar a questão das dificuldades relacionadas à aprendizagem não é tarefa fácil, de forma que, quando detectadas, cabe à escola e aos professores desenvolverem um trabalho centrado, buscando desenvolver as habilidades essenciais para que o processo de ensino se consolide de maneira significativa.

No contexto educacional, pode-se destacar que dentre as dificuldades encontradas no que diz respeito ao processo de ensino, destacam-se a escrita e a leitura, habilidades essenciais ao pleno desenvolvimento dos sujeitos. Entretanto, ensinar a ler e a escrever pode ser atividade complexa, o que exige estratégias direcionadas.

Um fator agravante relacionado aos processos de escrita e leitura em sala de aula é o reconhecimento das dificuldades e a compreensão de como trabalhar de modo correto. O educador se apresenta como sujeito principal, cabendo a este desenvolver metodologias diferenciadas que possam despertar em seus alunos o gosto pela prática da leitura e escrita, tornando estes atos em hábitos constantes que venham a ser realizados dentro e fora do contexto escolar.

O estudo da referida temática se dá mediante interesse em compreender os aspectos que envolvem as dificuldades de aprendizagem em sala de aula, essencialmente quanto ao domínio da escrita e da leitura.

A presente pesquisa traz como objetivo geral: compreender de que modo as dificuldades de escrita e leitura se apresentam no contexto educacional, bem como as possibilidades de intervenção para que esta situação seja revertida.

Trata-se de um estudo bibliográfico, por meio do qual se buscou a coleta de informações quanto as dificuldades de aprendizagem, evidenciando o papel do educador na identificação e direcionamento de estratégias que viabilizem avanços significativos, quanto a consolidação das habilidades relacionadas à escrita e leitura. Nesse sentido, utilizou-se como categoria de análise para os artigos científicos selecionados, temas que permeassem a conjuntura dos transtornos de aprendizagem, da relevância do educador no processo de ensino-aprendizagem, e nas estratégias para aquisição da escrita e leitura. Nesse viés, não foi delimitado período específico para leitura e análise dos resumos dos trabalhos, tendo por critério de inclusão pesquisas inerentes às temáticas auferidas, completos e que estivessem no idioma português.

Espera-se por meio do presente estudo destacar a importância das ações docentes, bem como do psicopedagogo no contexto educacional, tendo como meta principal o pleno desenvolvimento das habilidades relacionadas à escrita e leitura enquanto fundamentais para o desenvolvimento educacional e social do sujeito.

2 Diferença entre dificuldades de aprendizagem e distúrbios

Dominar o conhecimento é condição de extrema importância para a apreensão da organização social econômica e cultural, para a participação consistente nas atividades produtivas, para a redução das desigualdades no usufruto dos bens culturais e materiais, ainda para a ação dos homens na transformação consciente da natureza, tendo em vista a preservação da própria vida e o exercício de plena cidadania.

Reflete em adquirir certo saber que lhe possibilite a superação de sua dificuldade e a compreensão desse processo contraditório vivido por alunos da rede pública, que vive a necessidade de desenvolver uma metodologia de ensino que possibilite a real superação – incorporação do conhecimento que ele já adquiriu, e não uma metodologia que meramente justaponha ou que o indivíduo já sabe àquilo que ele não sabe e precisa saber. Aprender é um processo que acontece devido ao comportamento que se modifica frente às experiências vividas.

4

É necessário ter um conhecimento sobre dificuldade e distúrbio, o que realmente é comportamental e científico, o que acontece não só com a região cerebral e o que interferem na função deste órgão, resultando em tais dificuldades.

O distúrbio provém de uma disfunção na região frontal do cérebro, o que provoca na pessoa sensações de agitação, dificultando a assimilação das informações fornecidas pelo meio. Atividades que exijam utilização da memória e da capacidade de pensar são dificuldades por conta deste problema, comprometendo também o comportamento do indivíduo. Em uma linguagem mais ampla. Furtado (2008, p. 15) enfatiza que:

Constata-se que o termo distúrbio está quase sempre associado a disfunções e lesões neurológicas, que acabam acarretando prejuízos e danos a aprendizagem. Já a dificuldade de aprendizagem geralmente está relacionada aos fatores metodológicos e internos do sujeito, como aspectos emocionais e familiares.

Os distúrbios estão associados às limitações em exercer atividades, bem como da forma que a família, a escola ou a sociedade almejam dele. Este precisa, portanto, de ajuda especializada para atingir os objetivos de desempenho social e acadêmico satisfatório. Já as dificuldades apresentam suas características voltadas para o ambiente escolar, onde vários fatores internos e externos influenciam, tais como estrutura da escola, profissionais não preparados para lidar com a realidade, perturbação emocional, discordância metodológica ou mudanças no padrão da escola, falta de integração entre a família e o ambiente.

Dificuldades fazem parte da rotina de qualquer ser humano, independente de faixa etária ou classe social. Estas são essenciais para a compreensão e reflexão

acerca do modo de pensar e agir mediante determinadas situações, possibilitando momentos de superação. Em relação à temática Scoz (2002, p. 22) coloca que:

Os problemas de aprendizagem não são restringíveis nem a causas físicas ou psicológicas, nem a análises das conjunturas sociais. É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multidimensional, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos, percebidos dentro das articulações sociais. Tanto quanto a análise, as ações sobre os problemas de aprendizagem devem inserir-se num movimento mais amplo de luta pela transformação da sociedade.

5

Para Scoz (2002), o sistema educacional brasileiro ainda não desenvolve intervenções sistematizadas que foquem no objeto de ensino aprendizagem como primordial. No contexto educacional, tanto quem ensina quanto quem aprende tem uma função importante na sistematização e consolidação dos saberes propostos.

Existem vários tipos de distúrbios, desde os pessoais até os acometidos em sala de aula. Diante de tais questionamentos, é necessário, por um lado, levantar as dimensões que alicerçam a conjuntura e a constituição histórica desses sujeitos e, por outro lado, instigar a reflexão crítica sobre as necessidades que se fazem presentes. Na maioria das vezes, a dificuldade está na leitura, pois o aluno da escola pública só tem acesso ao material escolar em sala de aula, raramente frequenta um reforço escolar, ou na maioria deles não tem acompanhamento dos pais em casa, enfrentando assim a dificuldade de aprender a ler.

Quando se trata de entender distúrbios, entramos em um universo um pouco mais tenso, em que se leva desde traumas de infância a situações de humilhação em sala de aula e problemas familiares. O aluno de escola pública muitas vezes vem de uma comunidade que por si já enfrenta vários problemas que acabam influenciando diretamente na aprendizagem, no comportamento e no convívio dos educandos inseridos nesta realidade.

Compreende-se, portanto, que as capacidades e habilidades do aluno dependem do ambiente, pois este atua diretamente no processo de aprendizagem, bem como essencial o desempenho do professor que deverá realizar atividades lúdicas, a fim de despertar a atenção dos alunos, lançando momentos de igualdade

e respeito mútuo, onde as dificuldades possam dar lugar às aprendizagens, num âmbito de ações dinâmicas e coletivas.

Cabe ao docente a consciência do que se pretende, com objetivos claros, refletindo constantemente sobre a sua prática de ensino, bem como as conquistas já estabelecidas e as dificuldades a serem superadas em sala de aula, fortalecendo assim o processo de ensino.

6

3 Dificuldades de aprendizagem na leitura

Ler não significa só ver as letras do alfabeto e juntá-las em palavras, mas também estudar a escrita, decifrar e interpretar o sentido, reconhecer e perceber. Aprender a ler é um processo que requer análise de estratégias, interação e construções, pois se trata de uma atividade que descobre com a prática diária, visto que o mundo de leitura possui diferentes caminhos, os quais o texto a ser lido apresentará uma construção histórica e cultural dos aspectos sociais.

Os problemas que geram as dificuldades na aprendizagem da leitura aparecem através de dissociações no desenvolvimento correspondentes entre os códigos ortográficos e fonológicos e as conexões múltiplas. Quando não se compreende a relação entre os sistemas de escrita e leitura, os problemas surgirão de maneira bem mais agravante. Nesse sentido, são diversas as técnicas de aprendizagem que os professores utilizam, a fim de possibilitar a compreensão e aprendizagem de seus educandos.

As dificuldades de aprendizagem na leitura é um grave problema, mas podem ser solucionadas juntamente entre família e escola, devendo ser trocadas informações a respeito do aluno com a dificuldade na aprendizagem, pois a não alfabetização pode ser um sintoma de que algo com o aluno não está bem. Esse aluno que apresenta dificuldade na aprendizagem da leitura precisa ser ajudado, tanto em casa pela família, por profissional como o psicopedagogo, como também pelo professor em sala de aula. A escola deve se adaptar aos educandos de modo que haja colaboração e flexibilidade, a fim de desenvolver metodologias eficazes no processo de ensino. Corso (2004, p. 77), afirma que:

As dificuldades de leitura podem estar relacionadas às dificuldades internas do aprendiz como o desenvolvimento inadequado de habilidades metacognitivas. São essas as habilidades que ajudam o aluno a "dar-se" e "controlar" seu processo de aprendizagem, refletindo, então, sobre sua atividade de leitura.

Os alunos das séries iniciais ou mesmo em outras que apresentam dificuldades na leitura são menos eficazes, pois possuem uma compreensão fraca e não compreendem de início os seus erros, quando a dificuldade de leitura é identificada, são diversas as técnicas a serem desenvolvidas, a fim de amenizar o problema. Cada professor conhece bem a realidade de seu aluno, e trabalha de maneira direcionada para que estes possam avançar significativamente no processo. Muitos alunos com a dificuldade de aprendizagem no processo de leitura acabam ficando pelo caminho, não concluindo seus estudos, pois logo se desestimulam, percebem que estão ficando de lado por conta da dificuldade apresentada. Sem escolaridade, a maior parte desses alunos acaba sem emprego, ou ainda tomando rumos incertos, errados.

Uma das principais dificuldades de aprendizagem na leitura é conhecida como dislexia. O termo dislexia é usado como significado de dificuldade específica de leitura, pertencendo, portanto, à tipologia das Dificuldades de Aprendizagem – DA, uma categoria específica de Necessidades Educativas Especiais – NEE. Este grupo de alunos, embora não beneficiado de adequações curriculares significativas, consubstanciadas, tem direito a adequações curriculares que não prejudiquem o cumprimento dos objetivos gerais do Ciclo, ou seja, adaptações que seguem o currículo normal e não podem pôr em causa as medidas do regime educativo comum. Em termos mais amplos, a dislexia:

É caracterizada por dificuldades na correção e/ou fluência na leitura de palavras e por baixa competência leitora e ortográfica. Estas dificuldades resultam tipicamente de um déficit na componente fonológica da linguagem que é frequentemente imprevisto em relação a outras capacidades cognitivas e às condições educativas. Secundariamente podem surgir dificuldades de compreensão leitora, experiência de leitura reduzida que podem impedir o desenvolvimento do vocabulário e dos conhecimentos gerais (TELES, 2009, p. 13).

O sucesso só pode ser levado a bom termo desde que sejam introduzidas no sistema as modificações apropriadas, a fim de proporcionarem um atendimento adequado a todos os alunos no ambiente da escola regular.

A criança que apresenta dificuldade de aprendizagem na leitura tem sentimentos como frustração, inferioridade e agressividade diante do fracasso escolar, podendo resultar também em problemas comportamentais. Esses alunos demonstram um autoconceito negativo. Para que a criança possa se desenvolver com exatidão, o processo de leitura deve ser atividade constante, de forma que esta possa interagir com o seu meio e com as possibilidades que lhe são propostas, aprendendo cada dia mais.

8

4 Dificuldades de aprendizagem na escrita

São distintas as causas que geram no educando dificuldades em escrever durante seu processo de aprendizagem, e algumas delas perduram por toda a vida, podendo ser citadas como déficit perceptual, disgrafia, disortografia, dislalia, erros de formulação gramatical, dentre outros.

- **Disgrafia:** trata-se da dificuldade em passar para a escrita o que se vê, apresentando assim dificuldades e fazendo com que a escrita seja ilegível. A criança disgráfica não é portadora de outra deficiência específica que prejudique esse processo de assimilação.

A disgrafia é caracterizada por uma deficiência na escrita ligada a um problema perceptivo-motor. Entretanto, ela não está associada a nenhum comprometimento intelectual, pois os disgráficos são pessoas normais e com grandes capacidades. É também conhecida como letra feia, pois a criança tenta recordar-se da escrita, não obtendo sucesso, une inadequadamente as letras tornando-as ilegíveis (GARCIA, 2008, p. 26).

- **Disortografia:** o aluno não consegue transcrever corretamente a linguagem oral para a linguagem escrita, trocando letras na ortografia. Realizam ainda troca de letras e tem dificuldades para lembrar a sequência, fazendo inversões e omissões de letras na escrita das palavras.

- Dislalia: este distúrbio afeta principalmente a fala, ocasionando a dificuldade na pronúncia das palavras. A pessoa portadora de dislalia realiza troca de palavras por outras em sua fala, além de pronunciar de maneira errada e omitir ou trocar letras.

- Erros de formulação gramatical: mesmo sendo um leitor fluente. A criança com este problema apresenta dificuldades para copiar e compreender textos, bem como na elaboração destes, omite palavras e escreve as letras desordenadamente, além de utilizar a pontuação de modo incorreto.

A questão da aprendizagem da escrita tem ganhado enfoque, essencialmente sobre dois pontos, um relacionado às dificuldades de aprendizagem e outro relacionado a diagnóstico de crianças com problemas educacionais. Observa-se, no ensino da língua oral e escrita, nas séries iniciais do Ensino Fundamental, que a maioria dos alunos chegam à escola dominando a língua oral, no entanto, elas fracassam quanto ao uso da linguagem escrita.

A escrita é mais conservadora que a língua falada, e tem um poder restritivo sobre o desenvolvimento natural de um idioma. A forma como se usa o idioma na escrita é mais rígido e convencional do que a forma como se usa o idioma na fala cotidiana. Emprega-se na escrita uma forma distinta da fala. A escrita resiste a toda mudança linguística, que é frequentemente considerada como uma afronta a língua.

Na escola, ensina-se a língua em seu caráter normativo e na hora da produção textual, o aluno contradiz e se confunde entre a fala e a língua, é a influência da fala sobre a língua escrita.

A língua escrita é muito mais que um conjunto de formas gráficas. É um modo de a língua existir, é um objeto social, é parte do nosso patrimônio cultural. Não se deve manter os educados distantes da língua escrita, mas também não se pode ensinar a falar, a pronunciar as letras, nem tão pouco propor atividades de escrita mecanizadas sem o devido sentido. Em alguns casos a metodologia utilizada pelos professores não contribui para que o aluno seja capaz de utilizar a escrita com desenvoltura.

Neste sentido, Cagliari (1994, p. 103) afirma:

Ao ingressar na escola, a criança sabe falar e entender a linguagem e isso ocorre sem a necessidade de nenhum treinamento específico. Não houve necessidade de se arranjar a linguagem em ordem de dificuldade crescente, nem de submeter à criança ao exercício discriminação auditiva para que ele aprendesse a reconhecer a fala ou para aprender a falar.

No entanto, em relação à aprendizagem da língua escrita, não é assim que tem ocorrido. Acredita-se que os professores não experimentam alguns métodos que permitam as crianças a fazerem tentativas e descobertas próprias, o que deixa de considerar o nível no qual a criança entra na escola, como também não privilegia as formas de pensamento da criança sobre a língua escrita, o que leva o aluno a praticar imitação de modelos.

Dessa forma, sua produção perde toda a característica de um texto criativo, marcado pela originalidade, pois muitas vezes o professor exige do produtor a mera repetição do que foi dito anteriormente, ficando assim a avaliação do sujeito/produtor e o surgimento do aluno sujeito/reprodutor. Ferreiro (1986, p. 71) afirma que “[...] a escrita expressa pensamento, representa um bem cultural e os alunos devem ser sujeitos da aprendizagem e não simples receptores de conhecimento”, pois normalmente a escola oportuniza a criança o acesso a língua escrita através de ensino formal e sistematizada, que não considera o conhecimento linguístico trazido pela criança, e este significa, antes tudo, trabalhar com ela exatamente aquilo que ainda não domina.

Cabe ainda à escola levar a criança a adquirir e praticar o dialeto padrão para que possa ter melhor acesso a tradição cultural escrita. Considerando a afirmativa de Kato (1993, p. 08):

A função da escola na área da linguagem é introduzir a criança no mundo da escrita, tornando-a um cidadão funcionalmente letrado, isto é, um sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual de crescer cognitivamente [...] a chamada norma padrão ou língua falada culta é consequência do letramento, motivo por que, indiretamente, é função da escola desenvolver no aluno o domínio da linguagem falada institucionalmente aceita.

A escola muitas vezes desconsidera a fala do aluno, impedindo que venham à tona diferenças linguísticas, e conseqüentemente as diferenças sociais, culturais e

políticas. Cabe ao professor desenvolver um trabalho a partir desse referencial, uma vez que partindo do que se ouve, fala e aprende, o aluno chegará à construção da linguagem escrita. Nesse sentido, existe ainda outro ponto importante que não deve ser esquecido, é a prática de leitura, pois se acredita que há uma reciprocidade entre escrita e leitura. Kato (1993, p. 09) coloca “[...] quanto mais se lê, melhor se lê”. No entanto, se os professores não incentivarem seus alunos à leitura, tornar-se-á mais difícil o seu avanço na escrita.

11

Faz-se necessário que o professor incentive as crianças a escreverem textos espontâneos para que elas possam despertar o gosto pela escrita, ao invés de pedirem para seus alunos textos sobre temas que não fazem parte do mundo delas. Ao deixar as crianças escreverem textos espontâneos, elas expõem conceitos muito pessoais, como sua visão de vida, de maneira objetiva e direta ou através de uma fantasia semelhante à dos contos de fada.

A maneira como a escola trata a escrita leva facilmente muitos alunos a detestarem a leitura, o que é realmente um irreparável desastre educacional, pois para muitos professores o que interessa no ensino da escrita é corrigir os erros ortográficos, deixando de considerar outros fatores, que faz do texto uma boa produção. Segundo Cagliari (1994, p. 100):

Preocupada demais com a ortografia a escola por vezes esquece que o principal, num primeiro momento é que as crianças transportem suas habilidades de falantes para os textos escritos. Aos poucos se cuidará da ortografia, mas isso deve ser feito de uma forma que não amedronte quem ainda não sabe escrever.

Se antes a atitude do professor se caracterizava pela correção imediata dos “erros” de linguagem oral ou escrita das crianças, agora sua tarefa deve ser a de promover o ensino da norma socialmente privilegiada, sem estigmatizar ou negar os usos regionais ou coloquiais que as crianças já dominam, porque escrever é produzir e não reproduzir velhas certezas, é o erro que nos leva a direção do novo.

A ortografia é um problema permanente para todos os usuários da escrita. Por isso, o professor deve organizar o ensino de acordo com a natureza das dificuldades apresentadas pelos alunos. Os alunos precisam de motivação para

escrever, por isso o professor não deve logo nos primeiros textos produzidos pelos alunos, corrigir os erros ortográficos de imediato, dessa forma, o aluno não se motivará a produzir, porque acreditará que é incapaz de escrever corretamente.

O domínio da ortografia é gradual, não acontece de repente. Trata-se de um processo lento que requer o máximo de empenho do educador e de todos que fazem parte do contexto escolar, a fim de que as crianças possam ter resultados significativos, avançando no processo de ensino.

5 A importância da intervenção pedagógica para a superação das dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita

Durante o processo de construção do conhecimento, questionar sobre o funcionamento do mundo que nos cerca, instigar a curiosidade sem medo do erro, são pilares que permeiam a reflexão e o pensamento.

O aluno investiga o mundo a sua volta de forma ativa e curiosa, na tentativa de compreendê-lo, elaborando suas próprias hipóteses de compreensão. Para que este processo de construção pelo educando seja significativo, é necessário que o professor o conheça, sabendo de suas possibilidades e limitações, valorizando os conhecimentos prévios de modo a consolidar em saberes adquiridos, assim, o erro é tido como ferramenta indispensável, auxiliando na construção e sistematização.

Nesse contexto, avaliar os erros e as dificuldades dos alunos em relação aos sistemas de escrita e leitura se constituem como uma ferramenta eficaz no processo de superação das dificuldades existentes no contexto escolar, a fim de que estas possam ser solucionadas.

A partir da construção do conhecimento se dá a aprendizagem. São processos espontâneos, ou seja, naturais no ser humano que desde o seu nascimento aprende o que é necessário à sua sobrevivência. Esta lhe é uma capacidade de desenvolver os recursos necessários.

A aprendizagem escolar é um meio em que a criança passa a se descobrir, a criar suas próprias hipóteses e construir seus conhecimentos, sistematizando-os. Nesse contexto, esta deve sentir prazer em aprender, portanto, as atividades devem ser direcionadas de modo dinâmico.

O professor é considerado o agente principal no processo de aprendizagem. É quem produz e direciona as estratégias pedagógicas para se alcançar um bom resultado. A escola necessita de uma parceria com a família do aluno, pois é preciso que estabeleça uma relação para que possam juntos dividir as responsabilidades. A criança fica no meio dessa relação família-escola, e sai perdendo com tantos obstáculos, porque a escola sozinha não consegue sucesso. A criança constrói seu pensamento e origina suas ações, usando a linguagem da imitação através de gestos. Segundo Coelho (1987, p. 21):

Para que uma criança se desenvolva bem ela precisa de um ambiente afetivamente equilibrado, onde receba amor autêntico e onde lhe permitam satisfazer as necessidades próprias do seu estado infantil. Quando isso não acontece, inicia-se uma luta entre o ambiente em que a criança vive e as experiências que ela apresenta o que fatalmente levará a uma situação de desequilíbrio, possivelmente gerando comportamentos problemáticos ou até patológicos.

A criança em desenvolvimento necessita de um ambiente adequadamente estimulante que propicie a aprendizagem, além de um clima de segurança e harmonia nas relações interpessoais da família, onde exista uma educação que possibilite esse ambiente, no qual deverá encontrar apoio, amor e motivação para aprender.

O professor deve lançar um olhar atento às reais situações de aprendizagem de seus educandos, avaliando a situação de cada um em particular, a fim de viabilizar intervenções pedagógicas, traçando metodologias que possam ir de encontro a sistematização dos conhecimentos essenciais à sua formação discente.

A postura adotada pelo educador frente às dificuldades de aprendizagem relacionadas à escrita e a leitura pode ter uma representação positiva ou negativa. O professor deve se utilizar dos erros com foco nas aprendizagens, reavaliando sua prática, por outro lado, se este for visto como uma ação desvinculada do processo

de aprendizagem, levando o aluno à punição, este se sentirá inseguro e incapaz, o que dificultará sua aprendizagem. Como afirma Lima (1998, p. 29), “[...] é necessário que se encarem os resultados dos trabalhos realizados pelas crianças como um índice de suas necessidades ao invés de vê-los como uma sentença”.

A maneira como os professores tratam a escrita, leva facilmente muitos alunos a detestarem conseqüentemente a leitura, o que é realmente um irreparável desastre educacional, pois para muitos docentes o que interessa no ensino da escrita é corrigir os erros ortográficos, deixando de considerar outros fatores que faz do texto uma boa produção. Segundo Cagliari (1994, p.100):

Preocupada demais com a ortografia a escola por vezes esquece que o principal, num primeiro momento é que as crianças transportem suas habilidades de falantes para os textos escritos. Aos poucos se cuidará da ortografia, mas isso deve ser feito de uma forma que não amedronte quem ainda não sabe escrever.

Se antes a atitude do professor se caracterizava pela correção imediata dos “erros” de linguagem oral ou escrita das crianças, agora sua tarefa deve ser a de promover o ensino da norma socialmente privilegiada, sem estigmatizar ou negar os usos regionais ou coloquiais que as crianças já dominam, porque escrever é produzir e não reproduzir velhas certezas, é o erro mediante as dificuldades encontradas no percurso que nos leva a direção do novo.

Nesse sentido, a intervenção docente é essencial em todo o decorrer do processo educacional, a fim de que os elos sejam fortalecidos e a busca do conhecimento se dê em todo o âmbito educacional e pessoal.

O incentivo é fundamental para que o aluno possa se reconhecer como parte integrante de um todo. Nesse sentido, cabe ao professor estimular, dinamizar, proporcionar meios para que o conhecimento seja consolidado de forma significativa, valorizando a bagagem cultural de cada um, bem como as suas individualidades. As ações devem ser sempre revistas, replanejadas para que os objetivos sejam alcançados de forma eficiente, garantindo uma aprendizagem somatória.

Os alunos precisam de motivação para ler e escrever, por isso, o professor não deve logo nos primeiros textos produzidos pelos alunos, já corrigir de imediato os erros ortográficos, ou bloquear a leitura destes. Dessa forma, o educando, não se motivará a produzir, porque acreditará que é incapaz de escrever corretamente, o que dirá então ler fluentemente.

O professor deve ser um investigador, a fim de compreender o que e de que forma pensam seus alunos, atribuindo assim sentido ao erro, e trabalhando com foco neste, possibilitando avanços com base na reconstrução das situações e conseqüentemente no processo de construção do conhecimento de seus educandos.

O professor precisa dinamizar os momentos em sala de aula, criando possibilidades de interação, fortalecendo os vínculos e facilitando assim o processo de ensino aprendizagem. Quando o aluno percebe que pode confiar no professor, tudo se torna mais fácil, mais prazeroso, e as ações ganham um novo direcionamento e sentido.

6 Considerações finais

A escrita e a leitura são a base para uma vida educacional exitosa, preparando o aluno para as séries posteriores, possibilitando a este a autonomia necessária diante de determinadas situações. O professor deve mediar esse processo na busca desses objetivos, criando o ambiente adequado para que todo esse texto não vire verbalismo, mas uma prática ativa e significativa.

Diversas são as dificuldades encontradas atualmente no contexto escolar, principalmente em relação à consolidação dos processos de escrita e leitura pelos educandos. Família, ambiente escolar, formação profissional, são fatores que devem ser aliados de forma ordenada, bem como coerente com a realidade educacional, a fim de reverter a situação das dificuldades que se apresentam em sala de aula.

A escola é um espaço onde as vivências são construídas com foco na aprendizagem e na construção do ser, moldando personalidades e formando atitudes. Esta deve ser, portanto, vista como parte responsável pela formação e construção do ser, mesmo diante das adversidades.

Nesse contexto, o educador assume uma imensa responsabilidade, pois ele é o personagem principal deste contexto, devendo agir como mediador de todo o processo, no intento de possibilitar aos seus educandos as habilidades necessárias para a aquisição dos sistemas de escrita e leitura.

Os processos de escrita e leitura necessitam de uma atenção maior, um olhar mais direcionado, a fim de que as devidas medidas em relação às dificuldades que se apresentam possam ser solucionadas. Somente quando o educador conhece a realidade de seu aluno, suas habilidades e limitações, bem como suas hipóteses de compreensão é que pode atuar diretamente, desenvolvendo metodologias que ajudem no crescimento educacional dos educandos.

A aprendizagem nos processos de escrita e leitura devem ser consolidadas por todos os educandos, mas para isso é necessário primeiro conhecer os fatores que podem estar dificultando esse trabalho, bem como as hipóteses que estes fazem em relação a essa temática.

Espera-se por meio da presente pesquisa destacar a importância das ações docentes quanto ao trabalho direcionado com ênfase nas dificuldades em sala de aula, dando ênfase aos processos que envolvem a escrita e a leitura.

Referências

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1994.

COELHO. **Problemas de aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1987.

CORSO, Luciana Vllino. **Dificuldade na Compreensão da Leitura**: uma abordagem metacognitiva. Revista Psicopedagógica, 2004.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKI, A. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FURTADO, Valéria Queiroz. **Dificuldades na Aprendizagem da Escrita**: uma intervenção psicopedagógica via jogos de regras. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GARCIA, Regina L. Discutindo a escola pública de Educação Infantil – a reorientação curricular. *In*: GARCIA, Regina Leite (org). **Revisitando a pré-escola**. 6. ed. São Paulo, Cortez, 2008.

KATO, Mary. **A Concepção da Escrita pela Criança**. Campinas: Pontes, 1993.

LIMA, Adriana F. S. de O. **Pré-Escola e Alfabetização**: uma proposta baseada em P. Freire e J. Piaget. 12. ed. Editora Vozes, Petrópolis, 1999.

TELES, P. Dislexia. **Método Fonomímico**: Abecedário e Silabário. Lisboa: Distema, 2009.

SCOZ, B. **Psicopedagogia e Realidade Escolar**: O Problema Escolar e de Aprendizagem. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2002.

ⁱ **Francisca Andréia do Nascimento Silva**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5492-7678>

Faculdade Cecape

Graduada em Letras pela URCA, Graduada em Pedagogia pela UECE, Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e Africana de Língua Portuguesa pela URCA, e Psicopedagogia pela Kurius.

Contribuição de autoria: pesquisa e produção textual.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5478858638799146>

E-mail: andreia_roger@yahoo.com.br

ⁱⁱ **Williamar Figueiredo de Oliveira**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3528-2672>

Faculdade Cecape

Graduado em Pedagogia pela Faculdade de Ciencia, Tecnologia e Educação.. Pós-graduando em Análise do comportamento Aplicada ao TEA.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8842355604086238>

E-mail: williamarf.wf@gmail.com

ⁱⁱⁱ **Aldeceles Marinho Alves**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2559-9227>

Centro Universitário Doutor Leão Sampaio

Licenciada em História pela Universidade Regional do Cariri, Pedagogia pela KURIOS, Bacharel em Serviço Social pela Universidade Estácio de Sá, Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional em Serviço Social, Seguridade e Políticas Públicas pela KURIOS.

Contribuição de autoria: pesquisa e produção textual.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8842355604086238>

E-mail: aldecelesm@gmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

SILVA, Francisca Andréia do Nascimento; OLIVEIRA, Williamar Figueiredo de; ALVES, Aldeceles Marinho. Transtornos de aprendizagem: o papel do educador na identificação e direcionamento de estratégias em relação a escrita e leitura. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2022.